



HOLOS

ISSN: 1518-1634

holos@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Rio Grande do Norte

Brasil

BRUNET, P. D. M.; SANTOS, N. F.; Silva, R. F.; SANTOS FILHO, I. O.
O QUE SE ESPERA DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA-QUESTÕES SOBRE A
FORMAÇÃO E DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

HOLOS, vol. 3, 2017, pp. 32-39

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481554848004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O QUE SE ESPERA DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA – QUESTÕES SOBRE A FORMAÇÃO E DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

P. D. M. Brunet¹, N. F. Santos², R. F. Silva², I. O. Santos Filho²

¹Instituto Federal da Paraíba, ²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
patricia.melo@ifpb.edu.br

Submetido 03/03/2017 - Aceito 27/08/2017

DOI: 10.15628/holos.2017.5721

RESUMO

Vencidos os desafios para que a Sociologia se tornasse obrigatória nos três anos do ensino médio, o ensino dessa disciplina suscita várias reflexões. O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura, a partir das leituras realizadas no contexto do Curso de Mestrado em Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Campus Pau dos Ferros – PPGE/UERN. O objetivo do artigo é abordar os principais pontos da formação e da prática docente do professor de Sociologia. Tendo em vista toda a trajetória da disciplina para se firmar como obrigatória nos três anos do ensino médio. Esse trabalho está organizado em três partes, sendo embasado bibliograficamente em Moraes (2007), Meirelles (2002),

Silva; Santos; Silva (2009), Tardif (2010), Ianni (2011) dentre outros. Inicialmente, abordam-se os principais pontos de contradição entre a formação e a prática docente do professor de Sociologia, pois a discrepância na formação desses profissionais já podia ser observada desde a década de 30 a partir da criação das primeiras universidades e cursos de ciências sociais no Brasil. Em seguida, Além das questões que norteiam a formação dos professores de Sociologia que lecionarão no ensino médio apresentam-se, também, alguns desafios a serem vencidos por esses profissionais no espaço da sala de aula. Desta feita, com o ensino da referida disciplina busca-se a formação do indivíduo questionador que não se acomoda diante dos fatos, criticando o senso comum.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Formação, Professor, Sociologia.

WHAT IS EXPECTED FROM THE TEACHER OF SOCIOLOGY - QUESTIONS ON THE TRAINING AND CHALLENGES OF TEACHING PRACTICE

ABSTRACT

Being overcome the challenges for Sociology to become an obligatory subject in the three grades of high school, the teaching of this subject raises many reflections. This study is a review of literature, based on the readings carried out in the context of the Master's Degree course in Teaching, of the Postgraduate Program in Teaching of the Rio Grande do Norte State University – Campus Pau dos Ferros – PPGE/UERN. The aim of this work is to approach the main points of the Sociology teacher's formation and teaching practice. Having in sight the whole trajectory of the discipline to be firmed as obligatory in the three years of high school. This work is organized in three parts, being bibliographically based on Moraes (2007), Meirelles (2002), Silva; Santos; Silva (2009), Tardif (2010), Ianni (2011) among others.

Initially, we approach the main points of contradiction between formation and docent practice of the Sociology teacher, for the discrepancy in the formation of those professionals could already be observed since the decade of 30 from the creation of the first universities and social science courses in Brazil. Next, besides the issues that guide the formation of the Sociology teachers who will teach in the high school, some challenges to be overcome are also presented by those professionals in the classroom space. This time, with the teaching of the referred discipline it is sought the formation of the questioner individual who does not accommodate before the facts, criticizing the common sense.

KEY-WORDS: Teaching, Formation, Teacher, Sociology.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura, a partir das leituras realizadas no contexto do Curso de Mestrado em Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *Campus Pau dos Ferros* – PPGE/UERN.

O objetivo do artigo é abordar os principais pontos da formação e da prática docente do professor de Sociologia. Tendo em vista toda a trajetória da disciplina para se firmar como obrigatória nos três anos do ensino médio. Assim, percebe-se uma longa e árdua trajetória da disciplina de Sociologia no Brasil, primeiramente era praticada por intelectuais da elite sem formação na área, depois houve a criação dos primeiros cursos superiores no país.

Em seguida, a preocupação é que essa área do conhecimento atinja um patamar de cientificidade e se consolide como uma ciência e profissão. Mais tarde passa por um momento de crise durante o regime militar, prossegue em busca de uma nova identidade a partir dos anseios de redemocratização do país e após muitas idas e vindas nos currículos torna-se obrigatória no ano de 2008, quando finalmente foi editada a Lei nº: 11.684/2008, a qual alterou o artigo 36 da LDB e determinou a obrigatoriedade da disciplina de Sociologia (e também de Filosofia) nas três séries do ensino médio brasileiro, contudo tal fato suscita outros debates em torno dos conteúdos a serem lecionados e a formação desses professores, demonstrando que o ensino de Sociologia na atualidade ainda tem muitas questões a serem vencidas.

Esse artigo está dividido em três partes. Inicialmente, aborda os principais pontos de contradição entre a formação e a prática docente do professor de Sociologia, pois a discrepância na formação desses profissionais já podia ser observada desde a década de 30 a partir da criação das primeiras universidades e cursos de ciências sociais no Brasil. Em seguida, Além das questões que norteiam a formação dos professores de Sociologia que lecionarão no ensino médio abordase, também, alguns desafios a serem vencidos por esses profissionais no espaço da sala de aula.

Por último, destaca-se a importância da Sociologia para a educação, sobretudo no ensino médio. Pois a sua contribuição vai além da formação cidadão tão proclamada nos documentos legais. Busca-se a formação do indivíduo questionador que não se acomoda diante dos fatos, criticando o senso comum.

2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA

Vencidos os desafios para que a Sociologia se tornasse disciplina obrigatória nos três anos do ensino médio, além das recomendações quanto aos conteúdos a serem lecionados, por ora se apresentam questões que rodeiam a formação do professor de Sociologia desde a sua graduação como também os desafios a serem enfrentados em sala de aula.

A volta da disciplina aos currículos no ano de 2008 fez crescer a procura por professores de Sociologia. Aliás, a falta desses profissionais em número suficiente para atender a demanda da disciplina foi invocada como justificativa, no veto do então Presidente Fernando Henrique em 2001, como citado anteriormente, pois até então a cultura acadêmica era formar o sociólogo pesquisador e não o professor. Amaury Moraes (2007) tece críticas à comunidade dos cientistas sociais pelo distanciamento existente entre os profissionais, ao contrário de outros campos das Ciências Humanas.

Entre cientistas sociais, a tendência tem sido a separação: pesquisadores em ciências sociais – que raramente se identificam como professores, mesmo que universitários –, e professores de sociologia do ensino médio estão em mundos diversos: aqueles bem postos, legitimados no âmbito acadêmico; estes, desgarrados, vivendo uma ambiguidade

crônica: entre o sindicato de professores, que não lhes dá suporte em sua especificidade como “professores de sociologia” – dado que o sindicato deve abstrair o que não é ser professor – e o sindicato dos sociólogos, que não lhes pode reconhecer essa outra especificidade “professor” – dado que isso subtrai a identidade do sociólogo. (p. 399)

Diante dessa dicotomia, o que parece é que ser professor de Sociologia é algo de menor importância em relação ao pesquisador. E mais, ser professor do ensino médio é menos importante ainda se comparado ao professor universitário. São profissionais da mesma área, porém vivendo em realidades completamente distantes como se o sociólogo não pudesse ser identificado como professor e vice-versa. Segundo Meirelles (2002), esse distanciamento pode ser verificado desde a formação desses profissionais durante os cursos de graduação.

Tal distinção, entre Licenciatura e Bacharelado, fez com que ocorresse, também, uma desvalorização do papel do educador em nível básico, fato que, encontra amparo nas péssimas condições da educação básica, principalmente a pública. Nesse sentido, a desvalorização histórica do professor da educação básica serve como mais um fator na estruturação dessa hierarquia. (p. 03)

A discrepância na formação desses profissionais já podia ser observada desde a década de 30 a partir da criação das primeiras universidades e cursos de ciências sociais no Brasil. Pois enquanto a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo dava ênfase a uma formação voltada para administrar, planejar e pesquisar questões sociais em atendimento aos anseios da elite paulista. Doutra parte, a Universidade de São Paulo dedicava-se mais a formação visando à docência, colocando-se desde então, as divergências entre bacharéis e licenciados.

Observa-se assim, a preferência pela formação do bacharel em detrimento da formação do professor de Sociologia, tal fato está relacionado à inconstância da disciplina nos currículos e a consequente falta de vagas para esse professor. Tendo em vista que a disciplina desde 1942 passou cerca de sessenta anos para se tornar obrigatória novamente, por isso, muitas universidades acabaram oferecendo apenas o curso de bacharelado em virtude da falta de mercado para os licenciados.

Na falta de professores de Sociologia, a disciplina acabou sendo ministrada no ensino médio por profissionais que tinham disponibilidade, porém não possuíam a formação específica, o que transformou o ensino da disciplina em apenas um “faz de conta” para cumprir a carga horária estabelecida. Com a obrigatoriedade da disciplina houve a grande necessidade de formar esses profissionais, incentivando a abertura de cursos de licenciatura tanto na modalidade presencial como na modalidade à distância. Nesse sentido reflete Silva, Santos e Silva (2009):

Em geral, há em muitos casos uma hierarquia velada nos cursos de Ciências Sociais e/ou Sociologia atribuindo à licenciatura um status menor em relação ao bacharelado, essa tem sido uma queixa comum feita pelos estudantes e professores de várias instituições do país nos inúmeros fóruns e encontros realizados onde a temática foi colocada. (p. 07)

Tal hierarquia estabelecida cria a ideia de se considerar como intelectual apenas o bacharel, e que só ele pode usufruir do *status* de sociólogo. O professor não passaria de um professor e só, não podendo ser identificado como sociólogo. Ocorre na prática que essa ideia é ratificada pelas normas que regulamentam a profissão de sociólogo no Brasil.

A Lei nº: 6.888/1980, posteriormente regulamentada pelo Decreto Presidencial nº: 89.531/1984 discorre a respeito do exercício da profissão de sociólogo, considerando como tal o bacharel em Sociologia, Sociologia e Política ou em Ciências Sociais. Consoante Brasil (1980), como também aos: “licenciados em Sociologia, Sociologia e Política ou Ciências Sociais, com

licenciatura plena, realizada até 11 de dezembro de 1980". Assim, de acordo com essa determinação, só foram considerados como sociólogos os licenciados que concluíram o curso até a publicação dessa lei em 1980. De acordo com Silva, Santos e Silva (2009), de lá até os dias atuais, os licenciados nessa área são denominados apenas como professores de Sociologia, não podendo ser considerados como sociólogos, apenas os bacharéis podem receber tal denominação.

Esta dualidade na formação - bacharel e licenciado -, em decorrência de muitas escolas no país terem abolido a licenciatura dos cursos de Ciências Sociais/Sociologia, tem criado situações muito constrangedoras e polêmicas. O outro lado da medalha também é problemático, pois quando o curso oferta tanto o bacharelado como a licenciatura, em geral as formações estão dissociadas, ou seja, o aluno pode optar por uma ou outra formação, havendo não raro, em muitas escolas, o ingresso separado, ou seja, o aluno é obrigado no primeiro ou segundo semestre optar por uma das formações e há casos em que o vestibular já é separado. (p. 07)

Com isso, é perceptível a divergência de formações desde o ingresso na graduação, perdurando durante todo o curso e se refletindo na prática docente. Silva, Santos e Silva (2009) comenta que as próprias instituições de ensino superior desvalorizam a licenciatura em relação ao bacharelado, sendo este considerado como um nível melhor pelos próprios professores e alunos. A licenciatura, em contrapartida, seria destinada para os alunos menos capacitados sem vocação para a carreira acadêmica.

Assim, constata-se uma grande contradição. O que se observa é que as entidades governamentais, ao proclamarem a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no nível médio como fundamental para a formação do cidadão, destinam para essa missão profissionais que durante a sua formação como professores de Sociologia são tidos como inferiores ou menos capacitados.

A disparidade também se revela nas pesquisas acadêmicas realizadas pelos bacharéis, pois em sua maioria não se preocupam em investigar questões enfrentadas pelos professores de Sociologia em sua prática docente. Não havendo uma utilidade do que se pesquisa nas universidades para a realidade vivenciada nas escolas.

De acordo com Brasil (2010) há uma descontinuidade tanto na produção pedagógica como nas pesquisas relativas ao ensino de Sociologia no nível médio em decorrência da inconstância da disciplina no currículo. E as poucas pesquisas existentes de debruçam mais na trajetória histórica da disciplina e, atualmente, tendem mais a se preocuparem com os conteúdos a serem lecionados. Não se estuda a formação do professor que irá lecionar Sociologia no ensino médio.

O descaso dos estudos diante da necessidade de elaboração de explicações articulando os dois eixos, Ensino Superior e Ensino Médio, ajuda a evidenciar o quanto existem *divisões* claras entre os problemas do ensino e da pesquisa e, portanto, da formação para a pesquisa e para o ensino. A ideia ou a imagem de fronteiras é instigante porque revela que aquilo que seria apenas uma diferença entre dimensões (ensino e pesquisa) de um campo tornou-se uma *divisão* e uma *distinção*. (p. 25)

Evidenciando que dentro de uma mesma ciência a pesquisa está distante do ensino e que só recentemente com a obrigatoriedade da disciplina de Sociologia, e a consequente abertura de oportunidades de trabalho para os egressos dos cursos de licenciaturas, é que se sentiu a necessidade de refletir a prática docente nessa área. Moraes (2003) destaca que:

Reconhecimento pela comunidade de cientistas sociais de uma área de pesquisa em Ensino de Sociologia, com espaço para debates e divulgação de pesquisas nos seus

fóruns e para a publicação em sua imprensa periódica. Superação do modelo atual de formação do professor de sociologia, com integração efetiva entre bacharelado e licenciatura. (p. 13)

Esse recorte apresenta uma importante reflexão do autor acerca dos requisitos necessários para que o ensino de Sociologia possa ser consolidado no ensino médio. Atualmente o que se observa nos documentos expedidos pelas entidades governamentais sobre o ensino da disciplina é uma preocupação em definir conteúdos a serem apreendidos pelos educandos e produzir materiais didáticos, negligenciando discussões a respeito da formação docente e denunciando o tímido número de pesquisas em ensino de Sociologia.

O professor de Sociologia na sua prática se depara com um cenário totalmente divergente do que estudou durante a sua formação. No dizer de Tardif (2010), o que os professores estudam durante a formação são chamados de saberes da formação profissional: “o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores” (p. 36). Contudo, esses professores constituem seus próprios saberes no tocante à sua prática, o que não é diferente no caso dos licenciados dos cursos de ciências sociais, formando dessa forma os saberes experenciais.

Os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidade de saber-fazer e de saber-ser. (p. 38)

Ainda na compreensão de Tardif (2010), os saberes que os professores produzem na sua prática acabam resultando num distanciamento em relação aos demais saberes, principalmente no que se refere aos saberes da formação profissional. Os conhecimentos sobre a carreira que vão sendo construídos pelas experiências são utilizados para validar ou não os demais saberes.

O docente avalia se aquilo que foi estudado durante a formação tem alguma validade para o seu trabalho em sala de aula. Trazendo essa reflexão para o contexto do professor de Sociologia sem dúvida há um distanciamento evidente, principalmente em decorrência da dissociação que existe entre a classe docente e os sociólogos desde a graduação.

Ademais, consoante Brasil (2001), as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia, documento aprovado pelo Parecer do CNE nº: 492/2001, as habilidades específicas a serem adquiridas pelos licenciados são:

Domínio dos conteúdos básicos que são objeto de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio; Domínio dos métodos e técnicas pedagógicos que permitem a transposição do conhecimento para os diferentes níveis de ensino. (p. 26).

Tais domínios elencados reforçam o argumento de Moraes (2003) ao defender que além da necessidade do ensino de Sociologia, no ensino médio, sobretudo, ser alvo das pesquisas dos cientistas sociais, a formação dos professores é de responsabilidade dos professores dos cursos de ciências sociais. Tendo em vista que essa formação não pode estar atrelada apenas aos temas que circundam a realidade social. É preciso refletir a atuação dos futuros professores da educação de nível médio.

3 DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS NA SALA DE AULA

Além das questões que norteiam a formação dos professores de Sociologia que lecionarão no ensino médio é importante abordar também alguns desafios a serem vencidos por esses

profissionais no espaço da sala de aula. Ianni (2011) reflete sobre esses desafios no ensino das ciências sociais e, obviamente, no ensino de Sociologia também. Um dos primeiros desafios colocados pelo autor é como o professor pode lidar ou aproveitar o conhecimento prévio que o aluno traz para a sala de aula.

Como mobilizar o conhecimento de que o aluno já dispõe e, ao mesmo tempo, levar ao aluno novos conhecimentos? Seria ilusório um professor trabalhar com seus alunos imaginando que eles não sabem nada ou que nada conhecem. Não! Através do rádio, da televisão, do jornal, da família e de outros meios, eles já ouviram falar sobre diferentes temas que têm muito a ver com o campo das Ciências Sociais e que estão no universo cotidiano de todos. (p. 328)

Dessa forma, deve-se considerar o conhecimento de mundo que o aluno já detém. Isso pode ser tido como uma vantagem, tendo em vista que o indivíduo não vem vazio para a escola, o que já é um primeiro passo para a aprendizagem. Todavia, por outro lado, pode ser uma desvantagem vez que esse senso comum está enraizado no pensamento do aluno e sempre com base no ponto de vista de alguém que é referência para ele, como um familiar ou um amigo.

É comum no trabalho docente apresentar-se um tema para discussão e os alunos opinarem de acordo com o pensamento de alguém próximo a ele, assim sendo, no entender de Ianni (2011), o professor deve adotar uma postura diante desse senso comum exposto pelo aluno. Não pode reprovar e afastar esse conhecimento prévio, mas o seu desafio é desenvolver no aluno uma visão crítica desse conhecimento. Dando um tratamento científico às informações que os estudantes apresentam na sala de aula, desnaturalizando os fatos sociais debatidos.

Tem-se que trabalhar fatos, dados e relações, sem pôr em questão essas autoridades, porque isso seria complicar demais o trabalho do professor. Precisa trabalhar a partir do conteúdo da matéria e não colocar em questão essas autoridades, porque isso seria evidentemente uma batalha muito desigual e, mesmo porque, não é aí que está o problema. A questão está em revelar e desenvolver dados, informações ou noções que os estudantes trazem para a sala de aula e acrescentar novas informações e interpretações, tendo em vista desenvolver uma compreensão nova, original, científica e viva daqueles fatos. (p. 330)

Ianni (2011) ainda reflete que o trabalho no campo das ciências sociais é um trabalho dinâmico que está sempre se renovando, pois os fatos sociais estão sempre em movimento. É a partir deste entendimento que se apresenta a chave para o trabalho docente frente ao senso comum trazido pelo aluno. A orientação é a de que tudo é movimento, tudo se transforma e se recria constantemente. A forma como um fato social é estudado hoje não será a mesma anos mais tarde, devido às novas configurações sociais que passarão a existir.

Um segundo desafio a ser superado, ainda de acordo com Ianni (2011), é evitar a naturalização dos fatos sociais, como já fora abordado em tópico anterior deste trabalho. O autor considera que tal postura é fundamental no ensino de todas as ciências sociais.

O que ocorre com as noções de senso comum é que elas são clichês, estereótipos, que levam de contrabando a ideia de que os fatos são “naturais” e que as coisas acontecem inevitavelmente, por razões totalmente alheias ao campo social. Portanto, uma maneira de evitar a “naturalização” do social é reconhecer que o social é movimento. Acredito que essa perspectiva leva o professor (nos vários campos das Ciências Sociais) a trabalhar conceitos, noções, interpretações e categorias conforme uma abordagem teórica, construindo essas categorias a partir dos dados da realidade que está em questão. (p. 332)

O curioso é que enquanto as ciências naturais explicam algo ainda desconhecido, as ciências sociais apresentam uma explicação para fatos que todos já têm algum conhecimento prévio, por isso é mais desafiador a reflexão sobre os fatos sociais, pois além da tarefa de conferir um nível mais científico é preciso explicar que eles não ocorrem naturalmente e que tudo tem uma causa originada no movimento do social. Assim explicita Oliveira (2011):

O senso comum é um ótimo ponto de partida, que nos permite envolver a nossa gama de teorias, categorias e paradigmas na realidade significativa (objetivamente e subjetivamente) do aluno. Compreender a sociologia como uma ferramenta que nos permita ver o que sempre vimos, porém enxergando de uma forma completamente diferente (ou ao menos um pouco diferente), é um desafio e tanto, que se imbrica com questões que vão para além da micro realidade da sala de aula, atrelando-se aos âmbitos institucional, político e acadêmico. (p. 33)

A missão da Sociologia é conferir essa nova visão diante de fatos já pertencentes à realidade de cada um. Desnaturalizar os fatos é despertar uma nova compreensão e uma análise crítica daquilo que nos rodeia. Não se conformar diante das configurações sociais e se apegar ao discurso que tudo sempre aconteceu dessa forma e assim continuará, como se os fatos fossem consequências simplesmente do destino.

Mais do que a compreensão de que tudo é social, Ianni (2011) alerta também para o elemento trabalho que precisa ser estudado em todos os campos das ciências sociais. Sendo considerado como trabalho: “a atividade material e espiritual que todos desempenham cotidianamente”. (p. 334). Pois o ser humano se cria e se recria através do trabalho e estudar as condições sob as quais as atividades se desenvolvem influenciam no entendimento de como ocorre a dinâmica das relações sociais.

Ademais, Ianni (2011) ainda cita um terceiro elemento essencial para a compreensão do social e que deve ser objeto de estudo nos programas de ciências sociais, a exemplo da Sociologia no ensino médio. Esse terceiro elemento corresponde a alguma consciência, ideal ou valor presentes na vida social. Tendo em vista que as mudanças acontecem nas sociedades movidas por um ideal, seja religioso, político, intelectual ou de qualquer outra ordem, que impulsiona uma luta e através da sua compreensão é possível apreender as origens de um fato social.

Além desses elementos apontados por Ianni (2011) é importante considerar no ensino de Sociologia os destinatários desse ato, ou seja, os alunos que também são atores sociais. Estabelecendo o senso comum como ponto de partida, conforme explica Oliveira (2011):

Lecionar sociologia não é apenas ensinar considerando o contexto, mas trazer o contexto para a sala de aula como assunto a se debater. Não esperamos com isso, que a aula se resuma a um refinamento do senso comum, mas devemos ter o senso comum como ponto de partida para nossa *práxis educativa*, articulado às categorias e às teorias sociológicas. (p.33)

O ensino da disciplina deve procurar articular bem os elementos presentes nas teorias sociológicas e a realidade social do aluno. Ressaltando-se que essa realidade influencia no ato de ensino, pois lecionar para alunos de classe alta difere de lecionar os mesmos conteúdos de Sociologia em uma periferia, por exemplo. É importante atentar para o contexto de vida do aluno e a forma como os conteúdos serão abordados, bem como, inserir, aproximar esse contexto no trabalho em sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, comprehende-se a relevância da disciplina de Sociologia para a educação de nível médio, importância essa enfim reconhecida após tantas lutas que culminaram com a sua inserção de forma obrigatória nos currículos. A sua contribuição vai além da formação cidadã tão proclamada nos documentos legais.

Pelo exposto, o ensino de Sociologia deve procurar articular bem os elementos presentes nas teorias sociológicas e a realidade social do aluno, tendo em vista que é importante atentar para o contexto de vida dele e a forma como os conteúdos serão abordados, bem como aproximar esse contexto no trabalho em sala de aula. Buscando a formação do indivíduo questionador que não se acomoda diante dos fatos, que critica o senso comum. Contudo, para que esse trabalho seja possível não se pode olvidar a formação do professor de Sociologia, a qual tem denunciado a distância que existe entre a academia e a realidade presente na escola.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 6.888, de 10 de dezembro de 1980. **Dispõe sobre o exercício da profissão de sociólogo e dá outras providências**. Brasília, DF: Câmara Federal, 10 dez. 1980. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6888-10-dezembro-1980-365941-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 492, de 03 de abril de 2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia**. Brasília, DF: 2001. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Coleção explorando o ensino: Sociologia**. v. 15. Brasília, DF: 2010. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7843-2011-sociologia-capacapa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 25 mar. 2016.

IANNI, Octávio. O ensino das ciências sociais no 1º e 2º graus. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p.327-339, set./dez 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n85/02v31n85.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

MEIRELLES, Mauro et al. **Pensando o fazer docente do professor de Sociologia: elementos para a construção de um referencial crítico de análise**. 2002. Laboratório Virtual e Interativo de Ensino de Ciências Sociais. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/laviecs/site/biblioteca/listaartigos.php>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

MORAES, Amaury Cesar. Licenciatura em ciências sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 05- 20, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100001>. Acesso em: 25 mar. 2016.

OLIVEIRA, Amurabi. Sentidos e dilemas do ensino de Sociologia. **Revista Inter-legere**, Natal, n. 9, p.25-39, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/pdf/09es01.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

SILVA, Tânia Elias Magno da; SANTOS, Manoel Messias Rodrigues; SILVA, Adriana Elias Magno da. Sociólogo/professor: novos desafios para a formação profissional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14, 2009, Rio de Janeiro. **Anais**. Porto Alegre: SBS, 2009. Disponível em:<http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=227&Itemid=171>. Acesso em: 25 mar. 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.